

Mário Quintana

1906 - 1994

O Peter Pan dos Pampas





- **Natural de Alegrete**
- **Depois de muitas aventuras amorosas, fixou-se residente no Hotel Majestic, em Porto Alegre**
- **Sua última e irônica morada, após seu falecimento, tornou-se patrimônio histórico de Porto Alegre, A Casa de Cultura Mário Quintana**
- **Seu quarto foi preservado e até hoje é uma das grandes atrações do centro cultural porto-alegrense**

Temáticas

"Olho em redor do bar em que escrevo estas linhas. Aquele homem ali no balcão, caninha após caninha, nem desconfia que se acha conosco desde o início das eras. Pensa que está somente afogando problemas dele, João Silva... Ele está é bebendo a milenar inquietação do mundo!"

- O Tempo.
- Tudo na obra de Quintana é o tempo
- Efemeridade: infância x maturidade
- As imagens da infância, lembranças, a memória
- A morte, a dor e o amor: sujeitos à incrível ironia
- A condição existencial revelada pelo passar do tempo
- Política: período conturbado da ditadura militar
- Forte simbolismo: poesia sugestiva e subjetiva
- Poemetos: poemas curtos, irônicos, dotados de um humor seco, crítico sobre as coisas da vida



Obras.

- **A Rua dos Cataventos**, 1940
- Canções, 1946
- **Sapato Florido**, 1948
- O Aprendiz de Feiticeiro, 1950
- Espelho Mágico, 1951
- Inéditos e Esparsos, 1953
- Poesias, 1962
- **Caderno H**, 1973
- Apontamentos de História Sobrenatural , 1976
- Quintanares, 1976
- A Vaca e o Hipogrifo , 1977
- Esconderijos do Tempo, 1980
- Baú de Espantos , 1986
- Preparativos de Viagem, 1987
- Da Preguiça como Método de Trabalho, 1987
- Porta Giratória, 1988
- A Cor do Invisível, 1989
- Velório Sem Defunto, 1990
- Água, 2011

Livros infantis:

O Batalhão das Letras, 1948

Pé de Pilão, 1968

Lili inventa o Mundo, 1983

Nariz de Vidro, 1984

O Sapo Amarelo, 1984

Sapato Furado, 1994

A Rua dos Cataventos

Da vez primeira em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...

E hoje, dos meus cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada...
Arde um toco de vela, amarelada...
Como único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!
Ah! Desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz de um morto não se apaga nunca!



O Auto-Retrato

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

Às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
Ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

E, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!



O velho do espelho

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém, seu rosto... é cada vez menos estranho...
Meu Deus, Meu Deus... Parece
Meu velho pai - que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar - duro - interroga:
"O que fizeste de mim?!"
Eu, Pai?! Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga... Que importa? Eu sou, ainda,
Aquele mesmo menino teimoso de sempre
E os teus planos enfim lá se foram por terra.
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra!-
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

Eu Escrevi um Poema Triste

Eu escrevi um poema triste
E belo, apenas da sua tristeza.
Não vem de ti essa tristeza
Mas das mudanças do Tempo,
Que ora nos traz esperanças
Ora nos dá incerteza...
Nem importa, ao velho Tempo,
Que sejas fiel ou infiel...
Eu fico, junto à correnteza,
Olhando as horas tão breves...
E das cartas que me escreves
Faço barcos de papel!



O Mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(É nem que fosse meu corpo!)

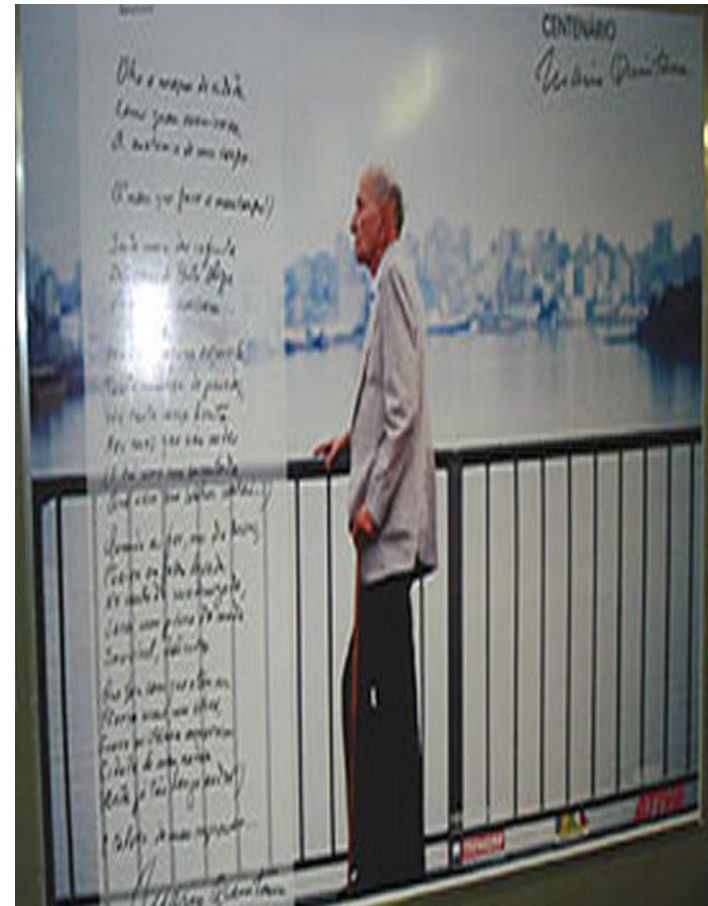
Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita
Tanta nuança de paredes
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...



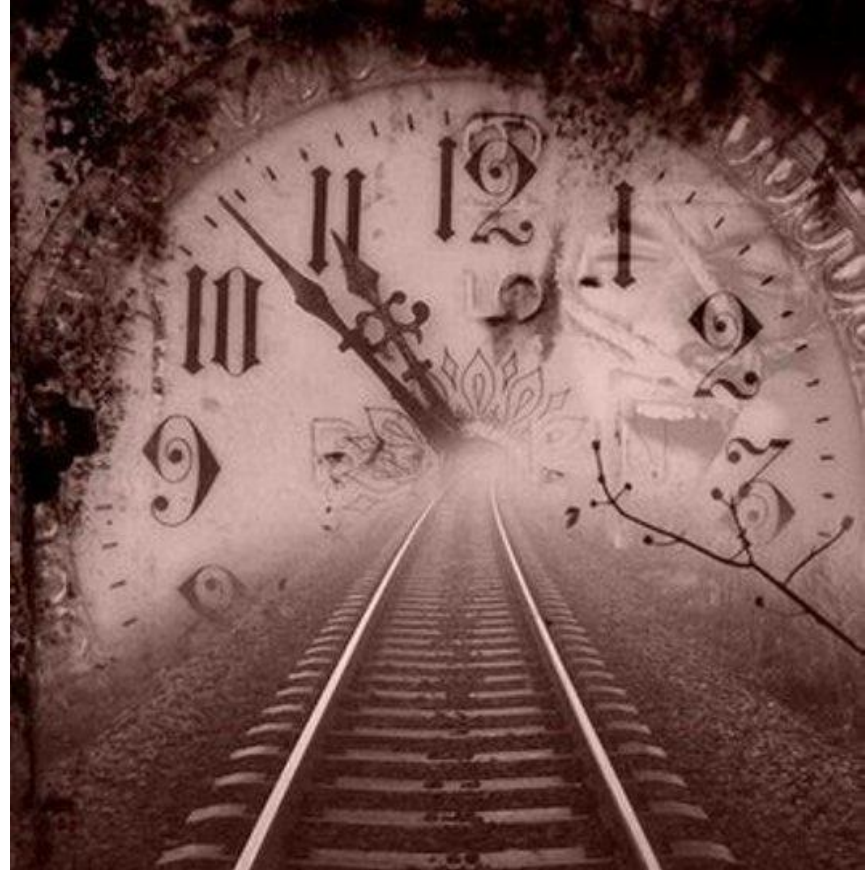
Ah! Os relógios

Amigos, não consultem os relógios quando um dia eu me for de vossas vidas em seus fúteis problemas tão perdidas que até parecem mais um necrológios...

Porque o tempo é uma invenção da morte: não o conhece a vida - a verdadeira - em que basta um momento de poesia para nos dar a eternidade inteira.

Inteira, sim, porque essa vida eterna somente por si mesma é dividida: não cabe, a cada qual, uma porção.

E os Anjos entreolham-se espantados quando alguém - ao voltar a si da vida - acaso lhes indaga que horas são...



Quintanares

- Poemas narrativos curtos
- Ironia requintada
- Prosaísmo
- Linguagem simples
- Temas cotidianos e filosóficos:
 - Poesia
 - Vida e morte (a existência)
 - Amor e emoções
 - aconselhamentos
- Certo humor: a serviço da ironia, crítica aos intelectuais



Jardim do quinto andar da Casa de Cultura Mário Quintana, *Recanto da Poesia*

Poemetos (Quintanares)

O morto

Eu estava dormindo e me acordaram
Eu me encontrei, assim, num mundo estranho e louco...
E quando eu começava a compreendê-lo
Um pouco,
Já eram horas de dormir de novo!

Poeminho do Contra

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

Das utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!

Do amoroso esquecimento

Eu agora - que desfecho!
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?

Poemeto

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
Convém que se repita...
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita.

O silêncio

Convivência entre o poeta e o leitor, só no
silêncio da leitura a sós. A sós, os dois. Isto
é, livro e leitor. Este não quer saber de
terceiros, não quer que interpretem, que
cantem, que dançam um poema. O
verdadeiro amador de poemas ama em
silêncio...



BILHETE

SE TU ME AMAS, AMA-ME BAIXINHO
NÃO O GRITES DE CIMA DOS TELHADOS
DEIXA EM PAZ OS PASSARINHOS
DEIXA EM PAZ A MIM !

SE ME QUERES,
ENFIM,

TEM DE SER BEM DEVAGARINHO, AMADA,
QUE A VIDA É BREVE,
E O AMOR MAIS BREVE AINDA....

Maria Clara *Clara Maria*
ANILHO POETA
CCMO - PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

Leia o texto abaixo para responder a questão.

O morto

Eu estava dormindo e me acordaram
Eu me encontrei, assim, num mundo estranho e louco...
E quando eu começava a compreendê-lo
Um pouco,
Já eram horas de dormir de novo!

Mário Quintana

Sobre o poema, seguem as seguintes afirmações:

I. Trata-se de um dos famosos quintanares do poeta, poemas curtos e narrativos, carregados de ironia e de um certo humor crítico.

II. Podemos entender que o eu lírico se vê abatido pelo caos do mundo, e que o último verso é uma metáfora que trata da sua vontade de fuga dessa realidade.

III. O poeta compreende que apenas no estado de loucura é que podemos entender o mundo no qual vivemos.

Quais das afirmações estão corretas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas III.

 Apenas I e II.

(E) Apenas I e III.

Leia o poema *A Rua dos Cataventos*, de Mário Quintana, para responder a questão que segue..

Da vez primeira em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...

E hoje, dos meu cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada...
Arde um toco de vela, amarelada...
Como único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!
Ah! Desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz de um morto não se apaga nunca!

Sobre o poema, seguem as seguintes afirmações:

I.A morte, um dos temas da obra de Quintana, é tratada no poema de forma metafísica, já que não podemos definir com exatidão a que morte o eu lírico se refere.

II.O poema carrega traços marcantes da poesia simbolista do final do séc. XIX, como a estrutura de um soneto, metáforas e rimas bem marcadas.

III.Talvez, pode-se entender que as duas últimas estrofes sejam uma referência ao período sombrio da ditadura militar brasileira.

Quais das afirmações estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas I e III.
- (D) Apenas II e III.



Todas estão corretas.

43. Leia o seguinte poema de Mario Quintana.

OS POEMAS

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de
[mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Considere as seguintes afirmações sobre o poema lido.

- I - Os livros, os poemas e os pássaros trazem consigo o alimento da alma.
- II - Os poemas, como os pássaros, são livres e se autogovernam.
- III- Só os poetas leitores têm o alimento dos pássaros dentro de si.

Quais estão de acordo com o poema?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas I e III.
- (D) Apenas II e III.
- (E) I, II e III.